

## **GÊNEROS TEXTUAIS E SABERES DO COTIDIANO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE**

Autora: Fernanda Santos da Cruz<sup>1</sup>; Co-autor: Saulo Gomes de Souza<sup>2</sup>; Co-autora: Maria Joselma do Nascimento Franco<sup>3</sup>

*Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste (UFPE – CAA),  
[fernanda.cruz0205@gmail.com](mailto:fernanda.cruz0205@gmail.com), [sauloxz10@gmail.com](mailto:sauloxz10@gmail.com), [mariajoselmadonascimento franco@gmail.com](mailto:mariajoselmadonascimento franco@gmail.com)*

**Resumo:** O presente artigo busca analisar a prática docente acerca do ensino dos gêneros textuais associados à valorização dos saberes do campo na promoção de conhecimento. Os sujeitos da pesquisa são os (as) estudantes de uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental (Anos Iniciais) e a professora da turma em uma Escola do Campo no município de Caruaru - PE vivenciadas no Programa de Iniciação à Docência (PIBID) em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste (UFPE - CAA). Objetivando identificar como se relacionam a produção de conhecimento com os saberes do campo a partir dos estudos dos gêneros textuais e associar a prática vivenciada no PIBID com as teorias revisadas a respeito da utilização dos gêneros textuais na valorização dos saberes do campo. Para tal, utilizamos em nosso diálogo Arroyo, Caldat e Molina (2004) tratando da temática de Educação do Campo e as relações que permeiam a valorização das identidades e do ensino campesino, e Santos, Mendonça e Cavalcante (2007), Marcuschi (2002), Dias (2012), Remes e Ferrari (2011) que trataram sobre os gêneros textuais e suas respectivas funções na promoção e valorização dos conhecimentos. A metodologia utilizada é uma abordagem qualitativa com coleta de dados dos registros em diário de campo e análise de conteúdo a partir das atividades vivenciadas. Os resultados obtidos partiram da perspectiva de uma educação do campo que busque e valorize o conhecimento campesino, o (a) docente observado (a) apresenta em seu planejamento atividades com o intuito de valorizar os saberes campesinos que os estudantes já possuem e promoção dos mesmos, nossas intervenções em campo também partiram desse mesmo princípio.

**Palavras-chave:** Educação do Campo, Prática docente, Gêneros textuais.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste (UFPE - CAA); Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). [Fernanda.cruz0205@gmail.com](mailto:Fernanda.cruz0205@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste (UFPE - CAA). Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). [Sauloxz10@gmail.com](mailto:Sauloxz10@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora/pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Acadêmico do Agreste (UFPE – CAA); Vice-líder do Grupo de Pesquisa, Ensino, Aprendizagem e Processos Educativos - GPENANPE; Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Desenvolvimento Profissional Docente - Coordenado pela pesquisadora Marli André na PUC-SP. Vice-coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Formação em Educação do Campo - NUPEFEC; Coordenadora do Grupo de Estudo em Educação do Campo – GEECampo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea – PPGEduc – CAA - UFPE

## 1. Introdução

No presente estudo, analisamos a prática docente no contexto de valorização dos saberes campesinos associados ao estudo dos gêneros textuais. Para sua realização, acompanhamos a partir da observação participativa um grupo de 25 estudantes em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental (Anos Iniciais) localizada em território campesino e a professora da turma na zona rural do município de Caruaru - PE.

As atividades educacionais na contemporaneidade, sobretudo na Educação do Campo, se encontram em meio a um colapso a qual apresenta uma necessidade de atuação na defesa do direito de educação da população que vive no campo. Com um histórico conturbado, a educação campesina ainda perpassa em nosso país com grandes deficiências, a construção desse direito à educação é seguida por acontecimentos demarcados por grandes lutas que acompanharam também a construção da própria sociedade.

Na concepção de Arroyo, Caldart e Molina: “Nas últimas décadas assistimos a uma marcante e instigante presença dos sujeitos do campo na cena política e cultural do país. Mostram-se diferentes e exigem respeito” (2004, p.7), demarcando ainda mais a ideia de atuação em defesa dos direitos a Educação do Campo e a própria atuação dos campesinos na afirmação de suas exigências e necessidades.

O ensino dos gêneros textuais é um grande aliado na Educação do Campo uma vez ajudam a encorajar os sujeitos na sua autoafirmação e valorização dos próprios saberes em uma educação de caráter inclusivo, atuando para aproximar a sua realidade ao ensino escolar e não o inverso, ou seja, desassociando os saberes vivenciados pelos estudantes ao que é visto na instituição escolar, dessa maneira, promovendo o conhecimento e melhorias nos processos de ensino e aprendizagem.

Para Marcushi:

(...) os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio pragmáticos caracterizados como práticas sócio discursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer. (2002, p.1).

A partir dessa afirmação, podemos constatar a necessidade de trabalhar com os gêneros textuais na Educação do Campo utilizando essa ferramenta para a valorização dos saberes do campo, atuando dessa maneira para promoção de conhecimento.

Fundamentado nesse diálogo entre Educação do Campo e o estudo dos Gêneros Textuais que denotamos a necessidade de um estudo referente a atuação docente, proporcionando a partir de suas práxis uma educação que valorize os saberes do campo dentro do estudo dos mais diversos gêneros textuais.

Apresentando como objetivo geral: Analisar a prática docente acerca dos gêneros textuais associados à valorização dos saberes do campo na promoção de conhecimento. E objetivos específicos: Identificar como se relaciona a produção de conhecimento com os saberes do campo a partir dos estudos dos gêneros textuais na Educação do Campo e associar a prática vivenciada no PIBID com as teorias revisadas a respeito da utilização dos gêneros textuais na valorização dos saberes do campo.

Seguiremos, portanto com as seguintes categorias para discussão de dados: Educação do Campo: produção de conhecimento a partir dos saberes do campo e a Utilização dos Gêneros Textuais na valorização dos saberes do campo.

## **2. Metodologia**

A metodologia utilizada no presente estudo é de abordagem qualitativa com enfoque na etnografia e na intervenção. O procedimento metodológico adotado foi a observação participante no campo de pesquisa que segundo Lage “Oferece ainda a oportunidade de espaços de inserção - e aceitação - em universos simbólicos, em formas de organização social e saberes sociais presentes no cotidiano dos grupos sociais” (2009, p. 14). O estudo do tipo etnográfico que como fundamenta Ludke e André, “É um estudo que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível, e focaliza na realidade complexa e contextualizada” (1986, p.18).

O período de desenvolvimento da pesquisa se consolidou em 18 sessões com 4 horas cada, com duas sessões por semana com um período que se estendeu pelos meses de fevereiro até julho de 2017. As sessões se dividiram em observações e intervenções a partir de atividades programadas e planejadas previamente.

As coletas de dados se fundamentaram na produção dos diários de campo, instrumento que nos auxiliou em toda pesquisa e por se tratarem de ferramentas para ambos os pesquisadores, os quais identificamos como D1 (Diário de campo 1) e D2 (Diário de campo 2). Segundo Lage:

O diário de campo é um instrumento não só de registro, mas fundamentalmente um instrumento de análise de todo o trabalho de campo. É ainda, um instrumento de trabalho diário, literalmente diário, e por isso mesmo um incansável e por vezes saturante trabalho, que exige disciplina, mas que

proporciona ao próprio pesquisador (a) uma grande satisfação à medida que vai sendo construído e redescoberto a cada consulta que se faz dos passos dados. Tal como um álbum de fotografias, que nos leva ao reencontro das descobertas quotidianas” (2005, p. 452)

Procedimento esse que norteou o nosso estudo e possibilitou um maior conhecimento ao discutirmos os dados coletados conforme segue:

### **3. Discussão de dados e resultados**

#### **3.1 Educação do Campo: produção de conhecimento a partir dos saberes do campo**

A Educação do Campo quando pensada em nossa contemporaneidade ainda é visualizada por muitos como uma concepção arcaica e vista como uma educação marcada pela inferioridade em seus conhecimentos e especificidades, pautada na educação rural.

Como descrito por Arroyo, Caldart e Molina:

Um primeiro desafio que temos é perceber qual educação está sendo oferecida ao meio rural e que concepção a educação está presente nessa oferta. Ter isso claro ajuda na forma de expressão e implementação da nossa proposta. A educação do campo precisa ser específica e diferenciada, isto é, alternativa. Mas sobretudo deve ser educação no sentido de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz (2004, p. 23).

Apropriarmos-nos de tais questões nos faz notar a necessidade de mudança no ensino campesino, a educação do campo precisa de uma atuação que se prontifique a ir além da educação rural. Em meio a tantos desafios, a escola do campo vem resistindo. Um dos desafios presentes na educação do campo está relacionado com o ensino, visto que o currículo que é posto, muitas vezes segue uma proposta urbanizada, ou seja, os conteúdos que são trabalhados não levam em consideração o contexto e a cultura do campo, fazendo assim com que não haja a valorização dos sujeitos. De acordo com Pimentel:

[...] o currículo é, antes de tudo, uma configuração dos modos de vida de habitar o mundo, por isso mesmo não pode ser pensado fora dos limites e possibilidades de sentir, agir e pensar a humanidade que faz as histórias do presente no solo sempre fértil e fecundo da escola e de todos os espaços em que o viver comum inspira e pratica a educação (2007, p. 20).

Portanto, levar em consideração a realidade campesina como ponto de partida para a elaboração do currículo é de fundamental importância para que a mesma venha a ter o real sentido. É na análise do contexto campesino que o currículo se constitui, a partir das observações, da singularidade e pluralidade dos sujeitos e por meio da valorização de sua cultura.

Na compreensão de Caldart:

O campo tem diferentes sujeitos. São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, bóia-fria, e outros grupos mais. Entre estes há os que estão ligados a alguma forma de organização popular, outros não; há ainda as diferenças de gênero, de etnia, de religião, de geração; são diferentes jeitos de produzir e de viver; diferentes modos de olhar o mundo, de conhecer a realidade e de resolver os problemas; diferentes jeitos de fazer a própria resistência no campo; diferentes lutas (2002, p.21).

É a partir dessa perspectiva que o currículo pode ser formulado, visto que é vasta a diversidade de conhecimentos presentes no campo. É levando em consideração essa bagagem de saberes presentes no campo que Caldart aborda o quão é importante uma educação “que forme e cultive identidades, autoestima, valores, memória, saberes, sabedoria; que enraíze sem necessariamente fixar as pessoas em sua cultura, seu lugar, seu modo de pensar, de agir, de produzir” (2002, p. 23). Ou seja, uma educação que trabalhe os conteúdos necessários de tal maneira que haja uma relação entre o conhecimento científico e o conhecimento popular.

O ambiente campesino caracteriza-se por sua riqueza tanto de sujeitos quanto das ações presentes no mesmo. Seja plantando, ou por meio de outras ações, percebe-se que a relação entre os conteúdos a serem trabalhados em sala e o cotidiano dos sujeitos podem existir. O campo possui suas próprias especificidades e diante disso também necessita de um currículo pensado para os sujeitos que compõem esse ambiente. Ou seja, o currículo voltado para os sujeitos do campo, é fundamental para que se percebam no meio onde vivem, relacionando o que é aprendido com o cotidiano, percebendo-se como ser ativo em sua localidade e se libertando da alienação. Nesta perspectiva, Lane aborda que:

A alienação se caracteriza, ontologicamente, pela atribuição de “naturalidade”, aos fatos sociais; esta inversão do humano do social, do histórico, como manifestação da natureza, faz com que todo conhecimento seja avaliado em termos de verdadeiro ou falso e de universal; neste processo a “consciência” é reificada, negando-se como processo, ou seja, mantendo a alienação em relação ao que ele é como pessoa e, conseqüentemente, ao que ele é socialmente (2004, p. 42).

É pensando neste reconhecimento de sujeitos ativos e importantes para a sociedade, que trabalhamos em nossas intervenções os conteúdos presentes no currículo, com a vida cotidiana dos estudantes. As intervenções ocorreram a partir do planejamento diário da professora e das sessões de observação, onde as mesmas eram planejadas para a turma de acordo com o conteúdo a ser ministrado pela professora e as necessidades que a turma apresentava. Em uma de nossas intervenções:

[...] iríamos passar um dos episódios de sítio do pica-pau amarelo, obra literária escrita por Monteiro Lobato. O nome do episódio era “viagem ao mundo das fábulas”. Antes de soltar o filme, pergunto aos estudantes “Quem aqui já conheceu essa história”? Quem já ouviu falar em sítio do pica-pau amarelo?(EXTRATO DE DIÁRIO DE CAMPO, D2, ABRIL, 2017).

Escolhemos uma das obras de Monteiro Lobato (Sítio do Pica-pau Amarelo), pela riqueza de elementos que retratam a realidade campesina. Percebemos que os estudantes entendiam que o “Emílio” era um milho, entre outros contextos do campo. Tais intervenções, buscando relacionar os conteúdos com os saberes do campo nos fez perceber que os estudantes se sentiam mais engajados em realizar as atividades propostas, sendo elas tanto de leitura quanto de escrita.

Os sujeitos da pesquisa, têm em sua cultura a arte do barro, muitos pais ou familiares dos estudantes trabalham com a arte do barro para contribuir com a renda familiar. Buscando manter a relação entre conteúdos escolares, o cotidiano dos estudantes e nossa observação, procuramos a arte do barro, relacionando-o com os conteúdos escolares.

A atividade proposta era para que os estudantes colassem na folha alguns objetos que eles encontravam no áudio da música “feira de Caruaru”. Todos interagiam bastante com a atividade, escutando a música com atenção e colocando as palavras que achavam ser interessantes (peru, galinha, cururu, etc.). Após este momento da atividade, passo analisando quais palavras os estudantes escolheram, em sua totalidade, todos escolheram a palavra galinha. Alguns estudantes escreveram a palavra galinha sem o h “galina”. Observando que era uma dúvida da maioria, explico para a turma o uso da letra H e disponibilizo outras palavras que possuíam a letra H, para que pudessem compreender a sonoridade. Após o momento da primeira parte da intervenção, pedimos para os estudantes se dirigirem para o pátio da escola, onde por meio das palavras escolhidas, os estudantes teriam que criar um objeto de barro, sendo tirada da colagem de palavras que formaram em sala, (se o estudante fez a colagem da palavra galinha, ele deveria criar com o barro uma galinha). (EXTRATO DE DIÁRIO DE CAMPO, D2, MAIO, 2017).

Diante da proposta de trabalho acima descrita, percebe-se que ao considerar a cultura dos sujeitos, as atividades cotidianas, entre outras ações, conseguimos trabalhar elementos relacionados ao currículo escolar com o cotidiano dos mesmos. Essa atividade também nos possibilitou associar os conhecimentos prévios que os (as) estudantes já possuíam a respeito do cotidiano no território campesino com os conteúdos pedagógicos.

A produção de conhecimento a partir dos gêneros textuais na Educação do Campo quando associados aos saberes campesinos que os (as) estudantes possuem, nos mostraram ser eficazes uma vez que a partir de nossas observações assim como das intervenções em sala de aula, constatamos o interesse em conhecer e contribuir a partir dos conhecimentos prévios dos (das) estudantes durante a aula. Em todo o momento se mostravam atenciosos (as) e dessa

maneira, a apropriação dos conhecimentos ocorreu de uma forma simples, com a participação dos sujeitos.

### **3.2 Utilização dos Gêneros Textuais na valorização dos saberes do campo**

Os gêneros textuais estão presentes em nossa realidade, e é a partir desse fator que o estudo dos mesmos se torna necessário para suprir as demandas a caminho do processo de apropriação do letramento. Como apresentam Santos, Mendonça e Cavalcante:

Como sabemos, em nossa cultura, o papel de principal agência de letramento é atribuído à escola. No entanto, essa instituição ainda ensaia um projeto pedagógico que contemple a diversidade de gêneros não como uma curiosidade, mas como um conjunto de manifestações socioculturais que merece ser conhecido, apreciado, recriado, valorizado, enfim. Trata-se de um processo gradual e ininterrupto de apropriação de saberes, de construção de conhecimentos, sobre e nas práticas sociais em que os gêneros se inserem (2007, p. 7).

É fundamentado nessa afirmação, que consideramos a necessidade de ver a escola como espaço para ampliação dos conhecimentos sobre os gêneros textuais, buscando a valorização dos saberes que os estudantes já possuem e contribuindo para um melhor desempenho dos mesmos nas atividades escolares, já que essas terão um verdadeiro sentido.

Ainda na concepção de Santos, Mendonça e Cavalcante:

O mais importante, em qualquer situação de ensino de língua materna, é manter o foco nos objetivos centrais assumidos num planejamento pedagógico. Numa perspectiva de letramento, a ampliação das experiências com o mundo da escrita e com as práticas sociais por ela mediadas exige o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. Assim, o trabalho com textos e a exploração da constituição dos gêneros são parceiras inseparáveis para a realização de um trabalho de qualidade já que, não podemos separar um do outro, pois a textualidade se manifesta num gênero textual específico e, obviamente, os gêneros se materializam em textos (2007, p. 7).

O que as autoras trazem a respeito do letramento e das práticas de leitura e escrita, contribuem na apropriação da valorização dos saberes campestinos associados ao estudo dos gêneros textuais. Os trabalhos planejados a partir dos gêneros textuais abrem possibilidades, e essas não podem ser deixadas de lado uma vez que aliadas ao estudo dos gêneros textuais se tornam mais significantes aos estudantes.

Marcuschi denota que:

Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são

instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita (2002, p. 19).

Com essa afirmação de Marcuschi, notamos a necessidade do trabalho com os gêneros textuais, visto que os mesmos auxiliam dentro e fora das instituições escolares na formação crítica do estudante, e isso por sua vez nos auxilia também no processo de valorização da identidade própria de cada estudante. Na educação do campo, esse estudo nos possibilita além de dar conta dos direitos de aprendizagem, aproxima-nos da realidade campesina entendendo e valorizando sua identidade.

Os estudos relacionados aos gêneros textuais têm ganhado seu espaço dentro das instituições escolares a partir de uma perspectiva que se distingue do que há décadas atrás se era visto a respeito dos mesmos. Os gêneros a serem trabalhados nas escolas eram selecionados, ou seja, muitos dos gêneros textuais estudados na escola não eram vistos em nosso cotidiano, eram exclusivos das escolas, atualmente, tendo em vista que a todo instante surgem novos gêneros textuais, os estudos dos diversos gêneros se tornam necessários para utilização dentro e fora da escola. Para Dias os gêneros textuais consistem em:

Entidades de natureza sociocultural que materializam a língua em situações comunicativas diversas. É um campo de estudo que tem recebido uma maior atenção nos últimos anos, devido à percepção de sua relevância para o ensino de língua portuguesa e funcionalidade na vida cotidiana, nas incontáveis áreas que esta abrange. (2012, p. 1).

Parte, portanto, dessa percepção a necessidade do trabalho com os gêneros textuais na educação do campo pela necessidade, buscando ir além dos direitos de aprendizagem a serem alcançados, para que o cotidiano e a identidade campesina sejam valorizadas. Por muitas vezes a prática docente não é refletida, o planejamento das atividades a serem desenvolvidas não acontece e o que conseguimos observar é a desmobilização dos estudantes para estudar as diversas temáticas que para eles “não tem nenhuma utilidade”. Remes e Ferrari destacam que:

O planejamento do trabalho docente na educação do campo precisa partir de um plano de pesquisa predeterminado a partir de inquietações levantadas nas aulas técnicas, pois daí surgem as reais necessidades dos educandos. Depois de pronto e aplicado uma parte do plano de pesquisa, os professores já têm uma base do que é realmente necessário se priorizar dentro daquela temática, e assim, o próximo passo é desencadear um círculo de diálogos (trabalhar com a mesma temática em todas as áreas do conhecimento articulando os dados obtidos no plano de pesquisa com o conhecimento que é próprio de cada área) e, para finalizar, esse conhecimento não apenas ficará nos livros, a partir dessa



práxis, se desencadeará a partilha e saberes (processo no qual, envolverá a comunidade). (2011, p. 8)

Essa afirmativa das autoras remete a ideia que trazemos anteriormente, do trabalho aliado a reflexão da prática docente, onde, a partir do planejamento adequado as necessidades que o grupo apresenta, a execução e reflexão a partir dos resultados obtidos (progressos), essas práticas se tornam ferramentas para o melhor desempenho nos processos de ensino e aprendizagem. Na educação do campo, essa reflexão poderá ser exercitada na perspectiva da valorização dos saberes camponeses que as crianças já possuem.

A nossa observação em campo, nos permitiu acessar as iniciativas e planejamento da professora, assim como das atividades realizadas e a correspondência dos estudantes acerca do que lhes fora proposto através de nossas observações e registros em diário de campo, como podemos observar na seguinte atividade proposta pela professora numa das sessões em campo:

A professora solicita a entrega de uma atividade passada no “Para Casa” que corresponde à entrega de uma receita típica regional reproduzida pelos estudantes para que somassem e produzissem juntos um livro de receitas. Muitos estudantes não trouxeram o que a professora solicitou e então ela estendeu o prazo para até o final da semana [...]. (EXTRATO DE DIÁRIO DE CAMPO, D1, ABRIL, 2017).

Nessa atividade proposta pelo (a) docente, notamos que a atividade foi planejada de maneira sistematizada, já que se trata da produção de um livro de receitas, e que está estritamente relacionada com os saberes camponeses. Estes de acordo com os saberes camponeses que possuem e também com a possibilidade de pesquisa entre seus familiares e vizinhos trabalharam o gênero textual receita e a produção de um livro com as comidas típicas da região.

A partir da nossa observação, o trabalho proposto pelo PIBID nos possibilitou uma interação maior com a turma, pudemos participar de maneira ativa projetando atividades de acordo com o planejamento diário do (a) docente. Em nossa 9ª sessão de intervenção, um dos conteúdos pedagógicos dos quais o (a) docente trabalharia no dia, era o Bioma pernambucano Caatinga e a partir dessas informações propusemos uma intervenção:

Nossa intervenção começa já no primeiro horário (por volta das 8:00) onde através da oralidade abordamos um pouco sobre a temática de Biomas pernambucanos e em seguida apresentamos um vídeo com personagens que defendem a floresta “Guardiões da Biosfera-caatinga” que aborda a principal vegetação do nosso estado desde o seu surgimento até os problemas que ela enfrenta na contemporaneidade. Após a apresentação do primeiro vídeo, exibimos um segundo que mostra as principais espécies do Bioma Caatinga o qual podemos de forma viva relacionar a realidade do cotidiano dos estudantes camponeses com as espécies exibidas no vídeo. (EXTRATO DE DIÁRIO DE CAMPO, D1, MAIO. 2017).

Essa possibilidade de trabalharmos trazendo os conteúdos pedagógicos relacionando-os com o cotidiano dos estudantes enriqueceram o nosso trabalho uma vez que gerou uma grande discussão em sala, os estudantes conheciam as principais características do Bioma Caatinga, com a exibição do segundo vídeo “Plantas da Caatinga - Flora da Caatinga” produzido por Sertão Curioso e conseguiam relacionar facilmente as espécies de animais e plantas do Bioma com o que eles já conheciam em seu cotidiano.

A utilização dos estudos acerca dos gêneros textuais voltados a Educação do Campo nos permitiram entender, de certa forma, o cotidiano dos (as) estudantes. A partir desse entendimento, o nosso trabalho em sala de aula se prontificou em investir nessas práticas de utilização dos gêneros textuais na valorização dos saberes camponeses. A prática que a professora realizava em sala de aula, também nos fez refletir na condição de observantes, possibilitando entender o trabalho da professora e a atuação dos (das) estudantes.

#### **4. Conclusões**

Através da nossa observação participante em campo, assim como as intervenções propostas quando concebemos ser necessário para a promoção, valorização dos saberes do campo e apropriação dos direitos de aprendizagem, notamos que a prática docente necessita de estudo, planejamento e organização para que o desenvolvimento das atividades ocorra de maneira desejada. A professora observada buscava em suas práticas e planejamentos cotidianos uma valorização dos saberes camponeses uma vez que grande parte de suas atividades além de trabalharem os conteúdos pedagógicos, se mostrava atenciosa quanto aos saberes que os estudantes já possuíam. Nas atividades propostas, observamos também o interesse dos estudantes quando a temática se tratava de algo presente no cotidiano dos mesmos.

Identificamos que os estudos dos gêneros textuais em sala de aula, através de nossas observações, eram trabalhados pela professora buscando sempre uma relação entre os saberes camponeses e os conteúdos pedagógicos. Dessa maneira, podemos destacar que a atuação docente da professora atua na promoção de conhecimento associados aos saberes do campo. Em nossas intervenções no ensino de gêneros textuais, trabalhar a partir dos saberes camponeses das crianças permitiu além da apropriação dos direitos de aprendizagem sobre os gêneros textuais e valorização dos saberes do campo por parte dos estudantes, uma ampliação do nosso conhecimento a respeito da prática docente na educação do campo e uma possibilidade de planejarmos dentro desta concepção, considerando a necessidade de rompermos com a educação rural que exclui e inferioriza os sujeitos do campo, rumo a concepção da educação do campo que empodera os sujeitos camponeses.

As atividades de observação e intervenção propostas pelo PIBID, nos permitiram entender o cotidiano de uma escola campesina assim como o trabalho e a prática docente a partir dos (as) estudantes e da professora da turma. Essas atividades quando associadas aos teóricos vistos no presente estudo, nos possibilitaram entender de maneira mais aprofundada como os estudos dos gêneros textuais viabilizam a valorização dos sujeitos e da identidade campesina.

Até então, é assim que pensamos.

## 5. Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. CALDART, Roseli Salette. MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CALDART, Roseli Salette. **Por Uma Educação do Campo**: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salette (Orgs.). Educação do Campo: identidade e políticas públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.

LANE, S.T.M. **Linguagem, pensamento e representações sociais**. In: LANE, S.T.M.; CODO, W.(Orgs.) Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 32-47.

DIAS, Laice Raquel. **Gêneros textuais para a produção de textos escritos no livro didático**. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758.

LAGE, Allene Carvalho. **Lutas por inclusão nas margens do atlântico: um estudo comparado entre as experiências do Movimento sem Terra/Brasil e da associação in loco/Portugal**. Volume I- Dissertação de doutoramento. Orientador: Boaventura de Souza Santos. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia, programa de pós educação em sociologia, 2005.

LAGE, Allene Carvalho. **Orientações epistemológicas para pesquisa qualitativa em educação e movimentos sociais**. iv colóquio internacional de políticas e práticas curriculares “diferença nas políticas de currículo” João Pessoa, PB, Brasil, 2009.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definições e funcionalidade**. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro, Lucerna, 2010.

PIMENTEL, Álamo. Prefácio. In: MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo, Diversidade e Equidade**: luzes para uma educação intercultural. Salvador: Edufba, 2007.

SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALVANTE, M. C. B. **Diversidade textual**: os gêneros na sala de aula (2007). Disponível em

[http://www.nigufpe.com.br/wpcontent/uploads/2012/09/Diversidade\\_Livr.](http://www.nigufpe.com.br/wpcontent/uploads/2012/09/Diversidade_Livr.) (cap 2). Acesso em 03.set.2017.